Defensivos vegetais

• De 120 produtos analisados, cerca de 109 tiveram evolução abaixo do IGP_DI

• No caso da ferrugem da soja, existem cerca de 21 produtos resgistrados

• Necessidades: programas de financiamento – moder-insumos; regulamentadores mais ágeis; incentivos a investimentos locais; conter impunidades, roubo de cargas, contrabando, falsificação de produtos.

• Respeitar regulamentação de registros e evitar registros de produtos questionáveis.

• Proteção da produção de agroquímicos no Brasil: propriedade intelectual, abastecimento, exportação *versus* importação, custo de inventário, preço de transferência e política tributária.

• Pesquisa mostra que 60% do mercado esta sem ou com baixa concorrência . Cerca de 40% a 50% desse passará para a média/alta concorrência nos próximos 5 anos.

• As exigências de certificação e rastreabilidade do produto nas exportações passam pela qualidade do insumo. Produtos clandestinos, sem pagar tributos e de qualidade comprometida, podem prejudicar o agronegócio.

• Há um alto custo e longa demora no processo de registro, em função das exigências sanitárias e ambientais.

Tratores e colheitadeiras

• Desenvolvimento de máquinas para novas tecnologias agrícolas: plantio direto, agricultura de precisão, capacidade e eficiência operacional e implementos inteligentes.

• Investimentos US$ 310 milhões nos últimos 3 anos, com lançamentos de produtos.

• Impacto na produtividade: ergonomia e segurança, racionalização no uso de insumos (sementes e fertilizantes), impacto ambiental, redução de perdas na colheita para menos de 1%, aumento da produtividade de 65% na produção de grãos *versus* 25% na área plantada.

• Tremendo impacto dos reajuste de ferro e aço, cerca de um terço acima dos preços das máquinas.

Termometria do mercado

Exportação compensa o setor de máquinas agrícolas

A queda da rentabilidade do produtor se traduz na redução de encomendas de tratores e colheitadeiras, enquanto a valorização do real em relação ao dólar pode dificultar as suas exportações. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) baixa pela terceira vez as suas projeções comerciais. No começo, esperava um cenário de estabilidade, depois uma queda de 10%, e agora, de 20%.

O prejuízo do setor de máquinas agrícolas, identificado apenas pela retração nas unidades vendidas no mercado interno, já pode ser percebido também no faturamento do setor. De 2002 a 2003, o montante cresceu 25,75%, de US$ 1,89 bilhão a US$ 2,38 bilhões. Em 2004, ficou próximo a US$ 3,00 bilhões. Para 2005, a expectativa das indústrias montadoras é de uma queda de 12% no faturamento: a primeira desde que o Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota) foi implementado.

O faturamento menor é atribuído ao recuo na comercialização de colheitadeiras que, apesar de terem representado 15% do número de unidades vendidas, têm um alto valor financeiro. No primeiro trimestre de 2005, as vendas ficaram 65,7% menores em relação ao mesmo período de 2004. É uma época de maior demanda de colheitadeiras no Brasil devido ao início da colheita da safra de verão. Ao longo do ano, não haverá uma brusca reversão.

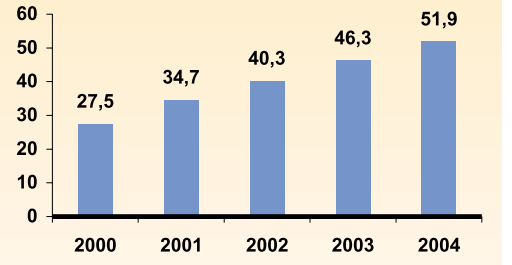
O resultado das exportações, mais uma vez, a exemplo do ano passado, deverá ter uma participação relevante no faturamento deste ano. O mercado interno sempre foi o maior filão das compras. Mesmo em 2004, as vendas realizadas dentro do País representaram 55%, e as externas, 45%. O mix se inverteu no primeiro trimestre deste ano: 60% para exportação, enquanto o mercado e interno absorve apenas 40%.

Crescem desembolsos do MODERFROTA

O Moderfrota, linha de financiamento do BNDES para a compra de máquinas agrícolas com juros equalizados pelo Tesouro, fechou 2004 com desembolsos totais de R$ 2,36 bilhões, 31,7% a mais que em 2003 (R$ 1,792 bilhão). O problema foi o descompasso entre o primeiro e o segundo semestre do ano por conta de demora na liberação de verba para equalização pelo Tesouro.

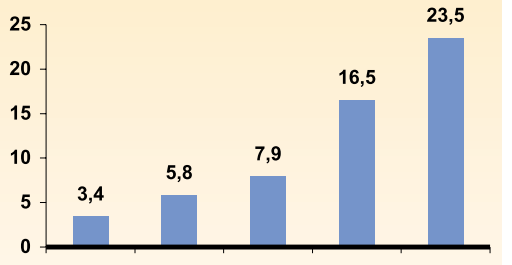
De janeiro a junho do ano passado, foram liberados R$ 455,7 milhões do Moderfrota, de um orçamento de R$ 2,27 bilhões. Solucionada a equalização, as liberações nos

BR: produção de tratores (mil unidades)



Fonte: ANFAVEA

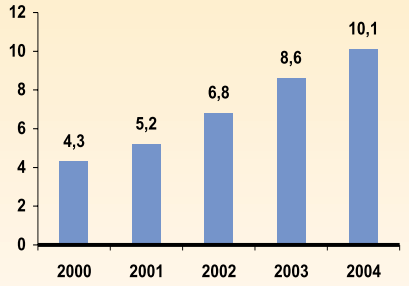
BR: exportação de tratores (mil unidades)



Fonte: ANFAVEA

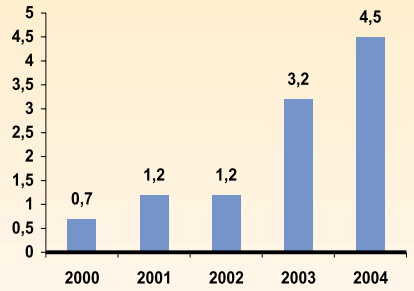


BR: produção de Colheitadeiras (mil unidades)



Fonte: ANFAVEA

BR: exportação de Colheitadeiras (mil unidades)



Fonte: ANFAVEA

seis meses seguintes somaram R$ 1,904 bilhão. Isso fez com que os números globais superassem o orçamento. Para não deixar os agricultores sem financiamento para máquinas no primeiro semestre, o BNDES disponibilizou recursos da linha Finame Agrícola.

No primeiro semestre de 2004, o BNDES desembolsou R$ 1,42 bilhão da linha especial, mais que os R$ 950 milhões do ano anterior. No segundo semestre, com a normalização do fluxo do dinheiro do Moderfrota, a linha especial somou mais R$ 507 milhões. O total ficou em R$ 1,927 bilhão, 103% a mais que em 2003. Os recursos da linha especial são 4,2 % ao ano mais caros que os do Moderfrota para os agricultores de renda mais baixa.

Enquanto no Moderfrota as taxas estão em 9,75% para quem fatura até R$ 150 mil por ano e em 12,75% para os demais empréstimos, no Finame Agrícola os juros para qualquer operação são de 13,95%. Quando se considera todas as linhas do Finame agrícola, a soma das liberações em 2004 alcançou R$ 4,568 bilhões, alta de 59% sobre o total de 2003. O Moderfrota e a linha especial representaram 94% do Finame Agrícola em 2003.

Apesar de o mercado esperar um desaquecimento nas vendas de máquinas em 2005, diante da perspectiva de queda do faturamento com a produção de grãos, o BNDES estima que no fechamento do ano-safra 2004/05, o Moderfrota crescerá cerca de 10%.

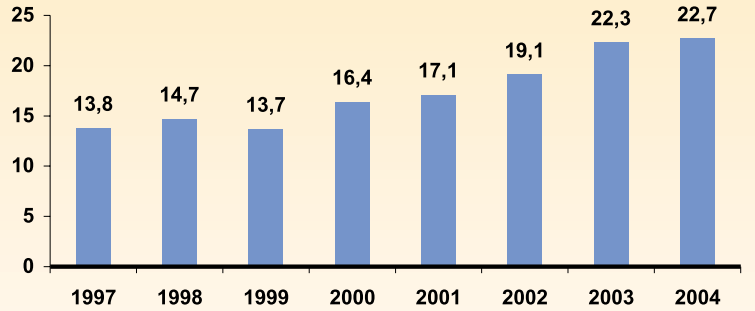
Indústria de fertilizantes prevê queda de venda

O setor de fertilizantes teve queda de vendas no primeiro trimestre, demissões com revisão das expectativas para 2005. Os preços baixos de *commodities* como soja e milho no mercado internacional na fase de plantio da safra de grãos 2004/05 e a estiagem prolongada no Sul do País durante o desenvolvimento das lavouras são vistos como os principais fatores de pressão sobre as empresas da área. Um quadro diferente do de 2004 obteve bons resultados em razão da forte alta dos preços de matérias-primas para adubos, derivadas do petróleo no exterior.

Segundo a Associação Nacional para Difusão do Adubo (Anda), as vendas de fertilizantes no primeiro trimestre deverão apresentar baixa de 35% e somar 2,2 milhões de toneladas, ante 3,4 milhões no mesmo período do ano passado. A expectativa era repetir os bons números do ano passado. No momento, a entidade trabalha com a estimativa de queda de 5% nas vendas. A persistência da estiagem poderá frustrar o programa de plantio da safra de inverno e aumentar a baixa. A situação delicada não se restringe à região Sul. No Centro-Oeste, o agricultor está apreensivo. A comercialização de adubos poderá recuar 2%. Uma queda de vendas não era sentida há pelo menos seis anos. Com 2003 e 2004 considerados anos muito bons, agora a situação é de estoque e vendas paradas.

De acordo com a Associação Brasileira dos Fabricantes de Calcário (Abracal), as indústrias venderão 3,5 milhões de toneladas a menos neste primeiro trimestre. Isso resultará em um recuo estimado de 8% no ano, para 21 milhões de toneladas.

BR: entregas de fertilizantes (milhões de toneladas)



Fonte: ANDA

Estabilidade nos defensivos

Para o exercício de 2005, o setor trabalha com a perspectiva de faturar US$ 4 bilhões, um cenário de manutenção, em relação a 2004, quando o crescimento superou 27,5 %. Em relação à safra 2004/05, a preocupação resume-se às perdas com a estiagem. As indústrias estão interessadas em negociar as dívidas caso a caso nas regiões atingidas pela seca. A ANDEF espera, com esses acordos e o refinanciamento pelo governo, manter o nível de inadimplência em torno de 1%. Com a aprovação da lei de Biossegurança, deverá haver uma queda no consumo de herbicidas para a soja, e no de inseticidas, para o algodão. A demanda de produtos no pós-colheita, por conta da estiagem que afeta a região Sul, que responde por 10% a 15% das vendas totais, deverá encolher. Da mesma forma, com relação à safra 2005/06, ainda que prematuro, o ciclo de aumento de área e produção deverá passar por uma fase de recuo, para ajuste da liquidez na agricultura.